



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7392 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

AS RELIGIOSIDADES NOS/COM CINEMA- UMA QUESTÃO CURRICULAR CONTEMPORÂNEA.

Juliana Rodrigues - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

AS RELIGIOSIDADES NOS/COM CINEMA- UMA QUESTÃO CURRICULAR CONTEMPORÂNEA.

Infelizmente estamos vivendo um período de profundas dores, tristezas, medos e etc. Dificilmente imaginaríamos vivenciar uma pandemia, pois só conhecíamos por meio da história, casos até piores, porém, existe uma grande diferença entre ler e conhecer através de livros e vivenciar na carne esse momento de agonia.

Sufrimentos estes que só se amplificam por diversos fatores, dentre esses, as políticas públicas, principalmente com o desgoverno no âmbito nacional. É muito interessante olhar a política muito próxima da religião, porém sempre houve esse laço, contudo nos últimos anos os pentecostais vêm assumindo de forma avassaladora dentre os cargos públicos. E com isso percebemos um grande problema na gestão pública, que deveria ser para todos.

Muitas vezes as crenças se tornam o alinhamento na gestão, algo que nem sempre favorece a todos. Por isso se torna necessário conversar (MATURANA, 1997) sobre o assunto, afinal para que todos tenham vida, elas precisam ser respeitadas e amparadas pelo Estado, ou seja, muitas pessoas sentem dificuldades em compreender as diversas religiosidades e a gestão pública, com isso, tudo é misturado, confuso e como diz o professor Luiz Felipe Pondé (2018): “a espiritualidade é um tema urgente demais para deixá-lo nas mãos dos pagadores de diferentes manuais de salvação” p. 11.

Tecendo sobre a ideia de ligar-se com as religiosidades, narraremos conversas dentro dessa tessitura, contudo ampliando e aprofundando essa dimensão religiosa, inerente aos diversos ‘praticantespensantes’ (OLIVEIRA, 2012) termo, que será muito utilizado, e que compreendemos assim como explica Alves:

O desenvolvimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos nos fizeram compreender que as dicotomias herdadas do modo de construção do pensamento na Modernidade significavam limites ao que precisávamos tecer quanto aos pensamentos necessários às redes educativas que estudávamos. Por esse motivo, adotamos essa forma de escrever os termos antes dicotomizados: juntando-os, grafando-os em itálico, entre aspas simples, pluralizando-os com frequência e, algumas vezes, invertendo o modo como escutamos serem ditos e escritos (ex ‘prácticateoria’ em lugar de teoria-prática; ‘aprendizagemensino’ e não ensino-aprendizagem; ‘dentrofora’ das escolas etc). (p.16)

Logo, falar, escrever e conversar sobre religiosidades dentro do mundo escolar nunca se fez tão necessário, só conseguimos criar redes de paz quando podemos perceber que o outro não é tão estranho como muitos desejam apresentar. Assim, como uma costureira, esse estudo deseja bordar diálogos que caminham para uma unidade de respeito e tolerância.

Costurar esse bordado é um caminho árduo, principalmente em tempos que ouvimos de tantas vozes, discursos que pregam em nome de um Deus (cristão) amor, mas, ao mesmo tempo em que pregam o extermínio daqueles que acreditamos serem diferentes, como é possível ter as duas ideias de ódio e amor em uma única fala? Contudo, veremos que isso é muito possível e muito passível de acontecer infinitas vezes durante os diversos tempos: passados, presente e futuro.

Observaremos em diversos grupos religiosos a utilização do credo para o bem pessoal, para crescimento financeiro, para manobra política e também para a felicidade, encontrar o transcendente e assim ser completo, veremos do mais profundo amor ágape e eros ao mais profundo egoísmo.

Se satisfaço os desejos de um ser humano qualquer, porque os considero convenientes e legítimos, é o exercício dessa legitimidade que é meu objetivo final e sua realização minha única motivação decisiva. Se faço exatamente a mesma coisa porque amo esse humano, o estado a realizar é, em sua manifestação, minha meta final, mas não é a minha verdadeira motivação, porque é primeiro a energia pulsional de meu amor — e por assim dizer de maneira inteiramente espontânea — que se implica nesse telos. Em todas as outras situações, nosso agir, cada vez que seu fundamento axiológico é posto sob o signo positivo, se vê separado de sua motivação última por uma certa distância que o amor ignora. Porque é exatamente esta a diferença decisiva: o amor por um ser humano, enquanto motivação por assim dizer geral de uma ação determinada, se solidariza com seu conteúdo, irriga-o com seu sangue muito mais diretamente do que em qualquer outra motivação (com exceção, talvez, do ódio). (SIMMEL, 2006, p. 116)

Abordaremos o filme “As vinhas da ira”. Em 1940, o drama dirigido por John Ford, e com roteiro baseado no livro *As Vinhas da Ira* de John Steinbeck chegou ao cinema, despertando muitos rumores, críticas e louvações. Tentaremos colocar e explicar esse belíssimo filme, porém caro leitor, recomendamos que você assista, pois ele contém muitas riquezas de detalhes que certamente não conseguiremos expressá-las aqui.

As narrativas nos possibilitam ‘*espaçotempos*’ de criação de conhecimentos e de produção da vida comum. Os cotidianos possibilitam para os ‘*praticantespensantes*’ das escolas e das redes educativas várias possibilidades de conhecimentos e artes nas suas diversas formas que vivem. Com isso, temos um grande desafio de mostrar, que realizamos ciência através dessas e tantas outras narrativas que são produzidas em seus cotidianos os ‘*conhecimentossignificações*’, que se conversam, emocionam, complexificam.

Atravessamos essas realidades de dor, alegrias, tristezas, sofrimentos, perdas e tantas outras, pelo meio do cinema, algo que nos atinge e que nos ajudam a criar meios de entender, de criar possibilidades, caminhos para as nossas inquietações e para tantas outras questões.

Assumir que os conhecimentos são tecidos em redes, no entrelaçamento de tantas outras redes, e que cada um de nós é uma rede de subjetividades implica uma compreensão diferenciada que supere grupamentos, classificações, ou posições e hierarquização dos ‘*saberesfazeres*’, dos modos de conhecer, dos modos de existência, e também das pessoas em suas singularidades-múltiplas. Requer, ainda, uma disponibilidade para compreender os hibridismos (Bhabha, 1989), não como mixagem, mas como superposições; e desconstruir os binarismos historicamente produzidos, buscando permanentemente desocultar as ‘*prácticas teorías*’ que o produzem. A noção de rede de subjetividades aponta para complexidade que constitui cada pessoa que revela a inutilidade de atendê-la a partir de um único aspecto biológico, comportamental ou cultural, que a defina. Se concordamos que os cotidianos escolares são ‘*espaçotempos*’ de multiplicidade, precisamos assumir que só as diferenças (como resultados dos usos,

negociações, traduções e mímicas), diferenciações como processos vitais, imprevisíveis e incontroláveis. (ALVES, FERRAÇO e SOARES, 2018 p. 98)

Assim pesquisar o caminhar da vida cotidiana, é buscar compreender a complexidade da realidade educativa e observar as diversas redes que constituem as relações entre as crenças, os medos, as dificuldades, como também as experiências emocionais dos diferentes *'praticantes-pensantes'*. E estes por sua vez se expressam e criam sentidos próprios para suas realidades, convicções presentes nos diversos cotidianos.

Palavras-chave: Redes educativas – Cinema – Religiosidades – Movimentos Migratórios – Cotidianos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. BERINO, Aristóteles e SOARES, Conceição. Como e até onde é possível pensar diferente?" Micropolíticas de currículos, poéticas, cotidianos e escolas. Revista Teias v. 13, n. 27, 49-66, jan./abr. 2012 – CURRÍCULOS: Problematização em práticas e políticas

_____. FERRAÇO, Carlos Eduardo. SOARES, Conceição Silva. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

MATURANA, Humberto. De máquinas e seres vivos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PONDÉ, Luiz Felipe. Espiritualidade para corajosos: a busca de sentido no mundo de hoje. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

SIMMEL, Georg. Filosofia do amor. 3 ed. Editora Martins Fontes/ SP, 2006.